

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Eram aqueles cinco dias no Carnaval em que as pessoas se enchem de equipamentos complicados e de roupas especiais todas muito coloridas e vão para a neve. Ela nunca tinha conseguido perceber o fundamento da fixação nacional com os cinco dias na neve, e o conceito deixava-a arrepiada. Passava pelos cartazes de montanhas brancas com as encostas cobertas de pistas curvilíneas serpenteadas pelos postes vermelhos e coroadas de redes de teleféricos e telecillas, e com pranchas de salto a esparramar salpicos e revoadas daquela poeira completamente alva que só existe ou na publicidade ou nos enclaves milionários, reparava nos hotéis anichados entre rochedos glaciares e agulhas de pinheiros com luzes boreais no pano de fundo, cruzava-se com os entusiastas que vinham a sair da Decatlon com skis e snowboards e tobogans, distinguia em cada ano a existência de novos brinquedos para crianças de todas as idades, e dizia devagarinho que não com a cabeça, como quando estamos a mandar embora o prelúdio a um pensamento que não queremos ter, às vezes sentia um farrapo de susto, e depois encolhia os ombros e continuava a guiar. Via toda a gente à sua volta muito atarefada a empacotar os polares, e as botas de goretec, e as

meias e as luvas e as camisolas de licra com microfibras termoisoladoras, e os passe-montagnes felpudos, e os coletes cheios de fechos de velcro, os óculos de cores berantes todos calafetados, os macacões almofadados com faixas amarelas e pretas e azuis, e depois toda a parafernália de cachecóis e echarpes e artefactos de pura lã com caxemira para vestir ao jantar, e apoderava-se dela uma incredulidade silenciosa que lhe fazia passar por dentro dos ossos um arrepio gelado. A neve. Mas porquê? Porquê? Tantos dias preciosos, tanta energia, tanto dinheiro, tudo gasto num longo mergulho até ao fundo de uma alameda comprida de frio, numa travessia em alta velocidade de ventos árticos e paisagens translúcidas, e isto era se tudo corresse bem e não chovesse em vez de nevar, o que de certeza tenderia a acontecer com cada vez mais frequência devido ao fenómeno do aquecimento global. Diziam-lhe que isso já não era problema porque agora todas as pistas decentes tinham máquinas de neve artificial, e os pobres que fossem para a serra da Estrela poderiam sempre escorregar sobre plásticos brancos estendidos ao longo dos Piornos, e ela respirava fundo com um horror tão sincero que preferia não ter de revelá-lo aos outros. Detestava a neve. Detestava o Inverno. Nem a imagem de uma grande lareira toda a crepitar e a perfumar a sala de sobro e azinho enquanto lá fora deslizavam do céu cortinas brancas sobre a noite silenciosa lhe inspirava sentimentos próximos do conforto. Nem mesmo com chá de rosmaninho e scones mornos que derretessem a manteiga com a Missa Solene do Bach a jorrar da aparelhagem. Tinha uma péssima relação com as temperaturas abaixo dos 20 graus. Ficava deprimida quando mudava a hora e os dias se tornavam automaticamente mais curtos. Se a deixassem, sem dúvida que hibernaria. Como não podia hibernar, aguentava em silêncio, com os músculos todos

tensos e os lábios apertados. Os outros que fossem para a neve. Ela agradecia. Lisboa ficava momentaneamente sossegada, e até passava a haver lugar para arrumar o carro à porta do prédio minúsculo onde morava o seu amor.

Amor, disse ela quando chegou o Carnaval e toda a gente partiu para a neve. Olha. Agora eles foram todos para a neve, e temos cinco dias só para nós.

O seu amor tinha uns olhos grandes como lagos, e sorriu-lhe com tanta ternura que ela percebeu que toda a sua vida, e todo o seu trabalho, e todas as suas aventuras, e todas as suas alegrias e todas as suas dores, tudo o que estava para trás, e já era muito, se tinha destinado apenas a transportá-la até àquela porta, para dentro daquele sorriso que a envolvia num casulo de luz puríssima, macia, sedosa, perfeita. E então sorriu também, com uma cascata delicada de felicidade a deslizar-lhe devagarinho como um bálsamo sobre todos os sentidos.

Ele estendeu-lhe a mão sem dizer nada, apertou-a suavemente em torno da sua, trouxe-a sem pressa para o lado de dentro da porta, e, quando a fechou, fechou o resto do mundo do lado de fora. Estava descalço.

A casa dele era sempre muito quentinha no Inverno.

Tinham-na escavado na pedra há centenas de anos para servir de armazém para as iguarias tropicais atracadas nas docas dentro dos porões das naus das Descobertas, e bastavam as brasas que nunca se extinguíam completamente dentro da salamandra antiga para manterem tépidos o chão e as paredes. Ela tirou o blusão de cabedal forrado com pêlo de carneiro, tirou as luvas, tirou o cachecol branco com riscas fininhas pretas e vermelhas que lhe dava duas voltas largas em torno do pescoço e ainda lhe descia até quase aos calcanhares, tirou as botas grossas e as perneiras de lã que tinham o mesmo padrão que o cachecol, pousou a mala no chão como quem deixa na entrada toda

a sua bagagem e fica por fim completamente livre, passou-lhe os braços pelo pescoço enquanto ele lhe abraçava a cintura, apertou-o contra si, sentiu o calor dele a penetrar-lhe o frio dos ossos, sentiu o cheiro dele a aquecer-lhe a alma, e deixou-se cair enroscada nele no sofá muito velho e muito macio, cheio de pêlo de cão e de memórias de outras guerras, com o suspiro imenso de um alívio enorme.

Amor, disse ela baixinho, quase como quem deixa rolar uma lágrima, antes de o seu amor a calar com um beijo.

O seu amor tinha ombros largos e braços fortes, movimentos calmos e músculos possantes. Pousava-lhe as mãos sobre a pele como se estivesse a escrever um poema, beijava-a como um anjo, e depois possuía-a como um demónio. Irradiava um vigor tão poderoso e tão simplesmente feliz, manipulava-lhe o corpo com tanta intensidade e tanta determinação, que ela quando fechava os olhos se sentia nos braços de um guerreiro etrusco, assim como nas cenas que aparecem pintadas nos vasos etruscos que há nos museus e nos livros de história de arte.

Tu fazes-me gritar, dizia ela.

Grita, dizia ele. Grita, que eu gosto de te ouvir gritar.

Sabiam os dois muito bem que eram feitos de propósito um para o outro. Era evidente que agora já nada nem ninguém poderia alguma vez separá-los. Claro que o primeiro dos dois que morresse teria o outro ao lado a segurar-lhe na mão, e poderia partir em paz embalado num grande mar de doçura. Mas, até se encontrarem, tinham sido precisos tantos anos, tantos enganos, tantas miragens em tantos desertos tão pedregosos e tão áridos, que naquele Carnaval, com Lisboa inteira na neve e o mundo trancado do lado de fora da porta da casa de pedra, estavam juntos como dois náufragos que dão à costa de uma ilha afortunada já quase mortos de fome e de sede, cober-

tos de sal e de restos de algas, chicoteados pelas ondas, açoitados pelo vento, no preciso momento em que iam deixar apagar dentro deles a última centelha do último resto vestigial de esperança que ainda conseguia mantê-los acordados para a vida.

Tu és a minha ilha afortunada, disse-lhe ela quando estavam no duche.

Eu sou mas é o homem com mais sorte do mundo, respondeu ele em voz baixa, com a cara virada para o jorro da água e o corpo dela todo preso ao seu.

Ela tratava-o por nomes muito doces. Meu príncipe. Meu anjo. Meu tesouro. Meu querido. Meu amor. Estava sempre a dizer aquelas coisas todas, e gostava de repeti-las muitas vezes, porque nunca, nunca, nunca, nem uma única vez, até ao dia em que encontrou o seu amor, fora capaz de pronunciar aquelas palavras fosse para quem fosse. E ela, até encontrar o seu amor, pensava que já tinha amado antes.

Aliás, até pensava que já tinha sido amada.

Ouve, disse ela quando o seu amor já estava quase a adormecer. Eu quero viver assim para sempre.

Schiu, respondeu ele, correndo-lhe as costas da mão pela face esquerda.

Depois começou a respirar compassadamente, com os cobertores atirados até abaixo da cintura e os braços cruzados em torno da almofada.

É espantoso como os homens nunca têm frio à noite, pensou ela enquanto se enfiava toda debaixo dos cobertores e lhe pousava a mão nos cabelos desalinados.

O seu amor já não tinha idade para usar o cabelo assim tão comprido, mas isso fazia-o parecer-se ainda mais com um anjo quando estava a dormir.

Um anjo estranho, vigoroso e satisfeito, saciado e sem remorsos como é próprio dos animais.